

PAISAGEM, ACELERAÇÃO E POESIA POR UMA GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES

LANDSCAPE, ACCELERATION AND POETRY FOR A GEOGRAPHY OF THE EMOTIONS

Ida Alves*

RESUMO

A percepção da paisagem como estrutura de sentido para a compreensão crítica da cultura contemporânea. A escrita poética como uma geografia das emoções, com a constituição de certos eixos analítico-críticos importantes do lirismo de hoje: as subjetividades em deslocamento no poema, da aceleração do mundo contemporâneo à habitação lenta do poema nos percursos da memória e dos espaços vividos. Experiências da paisagem: da floresta à cidade, ao encontro da poética contemporânea de Luís Quintais.

Palavras-chave: paisagem; poesia portuguesa contemporânea; interdisciplinaridade; geografia literária; Luís Quintais.

ABSTRACT

The perception of the landscape as a structure of meaning for a critical understanding of the contemporary culture. The poetic writing as a geography of the emotions, with the constitution of certain important analytical critical axes of today's lyricism: the subjectivities in displacement in the poem, from the acceleration of the contemporary world to the slow housing of the poem in the routes of the memory and of the lived spaces. Experiences of the landscape: from the forest to the city, to the meeting with the contemporary poetic of Luís Quintais.

Keywords: *landscape, contemporary Portuguese poetry, Interdisciplinarity; Literary Geography; Luís Quintais.*

* Professora de graduação e pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, Rio de Janeiro. Coordena o Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA-UFF (www.uff.br/nepa). É pesquisadora bolsista do CNPq – Brasil e integra o grupo internacional de pesquisa sobre poesia e visualidade LYRA, sediado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto. Obras recentes: ALVES, I.; MAFFEI, L. *Poetas que interessam mais estudos de poesia portuguesa*. Rio de Janeiro: Azougue, 2011, 400 p.; PEDROSA, M. C.; ALVES, I.; JÚDICE, N. *Crítica de poesia: tendências e questões Brasil – Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, 220 p. e ALVES, I.; LEMOS, M.; NEGREIROS, C. (Org.). *Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural. Brasil, França, Portugal*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, 442 p.

PRIMEIRA PAISAGEM: OS AWA-GUAJÁ

No Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, de 04/07/2013, com o título “A luta dos índios invisíveis”¹, foi publicada uma longa reportagem sobre os Awá-Guajá, povo conhecido como “o mais ameaçado do planeta”, que ocupa cerca de 100 mil hectares no pouco que resta de Floresta Amazônica no Estado do Maranhão. Lemos que “São pouco mais de 400 pessoas, cercadas de municípios que dependem da extração da madeira. [...] falam guajá, do tronco Tupi. Só alguns sabem um pouco de português. Eles são um dos últimos povos apenas caçadores e coletores. Vivem da floresta e pela floresta”. O texto assinado pela jornalista Miriam Leitão enfatiza a condição especial desse povo, contatado pela FUNAI em 1979 e profundamente ligado à floresta. Segundo o texto jornalístico, esse grupo tem agilidade notável e acuidade auditiva acima de qualquer padrão humano, ouvem sons a quilômetros de distância, acompanhando o barulho das máquinas de desmatamento que insistem em invadir seu território já demarcado. Continuo citando:

Para os Awá, a tragédia do desmatamento atinge a terra e o céu. A perda da floresta é mais que o fim do mundo. É o fim do que está por vir após a morte. O desmatamento ameaça a vida que eles têm e a que um dia terão quando forem “Karauaras”, os seres nos quais os ex-vivos se transformam. Na sua explicação do mundo, os mortos vão para um outro patamar, onde também é a floresta. Lá, eles se transformam em seres duplos: são humanos, mas também parte da floresta e vivem dela. O desmatamento não daria só uma fome aqui, para os vivos, mas uma fome celeste.

Esse interessante relato, com belíssimas fotografias do povo Awá, de Sebastião Salgado, abre-nos uma janela para um mundo muito afastado de nossa realidade cotidiana. A relação vital entre homem e natureza é uma experiência de existência que nós, em nossa condição urbana atual, mal podemos imaginar. A floresta é para esse povo um genuíno pensamento-paisagem constituindo todo um modo de viver e de ser, muito mais que uma mera delimitação espacial ou um território ocupado e utilizado. Ela é origem e matriz de uma existência individual e coletiva, de uma cultura e sua cosmovisão.

O que muito comove na leitura desse relato é o reencontro dessa relação profundamente íntima entre homem e paisagem / homem e natureza que foi perdida por todos que estamos hoje completamente imersos num sistema social citadino, com toda sua poderosa engrenagem e com uma experiência corporal urbana que impõe limites de percepção do mundo. A arte contemporânea está atenta a essa imersão e vem nomeando os impasses que tal realidade provoca. A poesia também não se aliena dessa problemática possibilitando igualmente o pensamento sobre modos de habitar os espaços e as experiências daí decorrentes. Por isso, fala-se hoje, por exemplo, de uma geopoética ou eco-poética.²

UMA OUTRA PAISAGEM

Desloco a atenção do povo da floresta brasileira para a Europa, com o lugar-comum de ser o berço da cultura ocidental. Nesse espaço de muitas nações, de forte tecnologia, de socie-

¹ Todas as citações que se seguem neste primeiro momento do artigo foram retiradas da referida reportagem de Miriam Leitão, com fotos de Sebastião Salgado, publicada no Jornal *O Globo*, p. 12 a 15.

² Sobre os estudos mais recentes de paisagem na literatura, consultar Collot, 2014.

dades consideradas de alto desenvolvimento social e científico, foco a atenção em suas margens econômicas onde estão países com um outro ritmo de produção; entre eles, Portugal, com o qual o Brasil tem inegáveis elos históricos, partilhando língua, memórias e imaginários. No panorama literário diversificado das culturas de língua portuguesa, interessa-me sobretudo a produção poética portuguesa das últimas décadas do século XX, primeiras do século XXI, a refletir de forma recorrente subjetividades urbanas numa condição existencial instável. Por isso, tenho buscado examinar criticamente, no âmbito dos Grupos de Pesquisa “Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa”³ e “Poesia e Contemporaneidade”⁴, diferentes e instigantes vozes poéticas portuguesas cujas obras (em geral, pouco conhecidas no Brasil) vêm sendo publicadas desde os anos 70 do século XX, como Joaquim Manuel Magalhães, Nuno Júdice, João Miguel Fernandes Jorge, Helder Moura Pereira, António Franco Alexandre, Al Berto, Fátima Maldonado, Luís Quintais, Manoel de Freitas, Rui Pires Cabral, Jorge Sousa Braga, José Miguel Silva, Luís Carlos Bessa, Carlos Alberto Machado e Pedro Mexia, dentre outros nomes de importância inegável. Essa leitura acompanha-se também de uma discussão renovadora dos estudos de lirismo. Pensadores contemporâneos do discurso poético, alguns deles também poetas, debatem, de maneira inter e pluridisciplinar, questões importantes para nossa contemporaneidade: qual o lugar da poesia hoje? Como a subjetividade se configura frente a novas demandas de sentido e de novos meios de comunicação? Como se relacionam poesia, natureza e técnica, ultrapassando a tradicional visão romântica idealista? Como se caracteriza o lirismo produzido em sociedades marcadas fortemente pelos vetores aceleração, deslocamento e mercadologização, ainda mais agora com o domínio da tecnologia eletrônica, capaz de expandir, de forma espantosa, estratégias de massificação de comportamentos, numa homogeneização perversa das singularidades?

Exatamente sobre a relação entre homem e paisagem, impossível evitar as questões em torno das intervenções no meio ambiente oriundas da industrialização maciça e exploração desequilibrada dos recursos naturais, pauta atualíssima para todos que se preocupam com a sobrevivência do mundo e sua habitação sustentável. Frente a essas preocupações, não surpreende a afirmação cada vez mais forte de uma ciência do meio ambiente, a ecologia, e seu diálogo com diferentes áreas de pensamento em busca de novos paradigmas de existência que possam deter o esgotamento dos recursos naturais e transformar as relações de habitação, ocupação e exploração dos espaços naturais. Diante disso, a paisagem tornou-se um tema de relevância, o que se vê, por exemplo, em diferentes estudos de geografia humanista e cultural desenvolvidos em diversos centros de investigação nas Américas, Europa e Ásia. Lembro, como referência, o geógrafo francês Augustin Berque, cujo trabalho, “Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural” (1984, tradução brasileira 2004), renovou os estudos de sua área. Mas desde 1970, os estudos sobre a paisagem em perspectiva morfológica, funcional e simbólica vêm se adensando em diferentes níveis de observação, para além da área canônica da geografia, em diálogo multidisciplinar. A paisagem retorna não como um *pré-dado*, espaço pré-existente e inerte, passível de descrição e classificação, mas como o resultado de uma construção perceptiva e cultural, constituindo uma estrutura de sentidos, uma formulação subjetiva configuradora de mundos a viver. No campo literário, destacam-se as obras do ensaísta francês Collot (1989, 1997, 2005, 2013, 2014), o qual, há três décadas, vem discutindo as relações entre literatura, poesia e paisagem, a

³ Visitar página em <http://www.gtestudosdepaisagem.uff.br/>

⁴ O grupo de pesquisa UFF-CNPq, liderado pela Profa. Dra. Celia Pedrosa, vem produzindo material reflexivo apreciável sobre a poesia contemporânea de língua portuguesa. (Pedrosa, Alves e Júdice (2014).

partir de uma base filosófica oriunda da fenomenologia hermenêutica, que privilegia o triângulo palavra – sujeito – mundo.⁵

Trata-se, no caso do estudo da poesia, de empreender uma problematização da natureza (e da própria ideia de natureza hoje) como questionamento de modos de ver, fixar ou movimentar identidades e subjetividades, na tensão contínua entre dentro e fora, ipseidade e alteridade, visível e invisível. Em nossa atualidade, tais estudos sob orientação interdisciplinar permitem questionamentos da relação sujeito e mundo, o exame de experiências diversas que contrapõem singularidades culturais a indiferenciações identitárias. Assim, por exemplo, os diálogos entre literatura e geografia ganham outra perspectiva, na medida em que podemos pensar as “grafias do mundo” que o texto literário suporta, formas de dizer a habitação e a integração ou não do homem no ambiente circundante por meio também da palavra imaginante.

Meu objetivo, ao estudar sob essa perspectiva teórico-crítica a poesia portuguesa contemporânea, é exatamente perceber como subjetividade e paisagem se relacionam a partir de diferentes tipos de movimento: 1- no âmbito físico-espacial (enlaces do corpo com o espaço exterior, com a natureza, corpo em movimento nos meios de transporte, com alteração de perspectivas e percepções da realidade); 2- no âmbito semântico e imagético (referências a, movimentos, deslocamentos, trânsitos, transferências, viagem, nomadismo, aceleração e ideias correlatas) e 3- no âmbito da textualidade (práticas de movimento da própria escrita – a citação, a colagem, referências cruzadas, processos intertextuais, intersemióticos e interculturais).

Frente as tensões e contradições do nosso tempo, a poesia afirma-se como lugar especial de atrito (LOPES, 2003) ou de crise (SISCAR, 2010), contribuindo para o delineamento de outras geografias, não meramente descritivas, mas criativas ou *das emoções*, com a defesa de partilhas afetivas, do sensível (RANCIÈRE, 2000). No fundo, compreender a grafia poética como resistência à aceleração da vida cotidiana, ao excesso, à indiferenciação e ao anonimato. Em outras palavras: a poesia como processo de desaceleração na escrita e na leitura.

PERSPECTIVAS DE HOJE: ACELERAÇÃO E FRENAGEM

Tomo, portanto, a aceleração como a questão fundamental da compreensão do modernismo tardio, a partir dos anos 70, seguindo, nesse sentido, o estudo do sociólogo e filósofo alemão Hartmut Rosa intitulado *Accélération une critique sociale du temps* (tradução francesa de 2012), para pensar como nossa diferente e cada vez mais complexa relação com a temporalidade torna-se um ponto nuclear da existência contemporânea. Em muita poesia pós-70, e não apenas de língua portuguesa, as ideias de desencontro, de trânsito, de passagem, de movimento (de subjetividades, de paisagens, de culturas e de linguagens) expõem-se de forma obsessiva. Hoje, o desenvolvimento técnico e tecnológico permitindo meios cada vez mais velozes de deslocamento e mesmo novos instrumentos de comunicação e divulgação de informações alteraram irremediavelmente as formas de contato entre os indivíduos e os limites espaciotemporais, modificando nosso olhar e os modos como os sujeitos se constituem e agem em seus contextos de existência. Imersos cada vez mais na visualidade excessiva, submetidos a uma aceleração da vida, como questionam Paul Virilio (1993, 1994, 2010), Didi-Huberman (2000) e Rosa (2012), a arte pode possibilitar uma experiência es-

⁵ Em 2012, nosso Grupo “Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa” realizou a tradução de um livro organizado pelo autor para o público brasileiro: *Poética e Filosofia da Paisagem*, publicado pela Oficina Raquel, Rio de Janeiro, no ano seguinte. Michel Collot também publicou em 2014 uma obra intitulada *Pour une géographie littéraire*, em que reúne sua reflexão sobre a relação entre literatura – geografia – paisagem.

pecial de frenagem, provocando um outro ritmo de pensamento, exigindo um modo *de-vagar* de reapropriação de sentidos. Examinar esse quadro complexo da realidade contemporânea é também pensar como a Arte dá a viver e a sentir as perplexidades da vida atual. No âmbito do literário, a poesia, sendo uma especial escrita de si, é espaço propício para nomear essas questões, figurar, configurar e refigurar esses ritmos de vida.

No caso português, a *Revolução dos Cravos* (1974) com seus antecedentes preparatórios e suas consequências constituem um marco incontornável de transformação da sociedade, da cultura e do próprio pensamento geográfico do país de então (a questão do colonialismo, por exemplo). Como já referi, examino poéticas publicadas a partir da década de 70, momento em que diversos pensadores apontam como um ponto de viragem em relação ao projeto de modernidade que atravessou o século XX. Tais poéticas apresentam alguns pontos em comum: a inquietude de sujeitos urbanos, a desolação frente ao ritmo social cotidiano, o atrito entre natureza, cultura e tecnologia, as experiências de movimentação física e mental de sujeitos marcados pelo excesso da visualidade e pela aceleração de tudo. Delineiam o que passei a chamar de *geografias das emoções*, a partir de sujeitos líricos em movimento, inquietos e em busca de espaços, memórias e sensações perdidas.

Na continuidade desse percurso de reflexão, venho observando como, nessa produção portuguesa e também, em diálogo, na brasileira mais recente, os sujeitos se deslocam e que relações entre natureza e homem, natureza e cultura, natureza e técnica se apresentam no texto lírico. Os movimentos internos dessa poesia de língua portuguesa tratam, de maneira muito recorrente, da discussão sobre as razões de permanência do lirismo e do poeta num tempo como o nosso em que tudo se tornou produto, mercado, objetualidade para exposição de desejos massificados; em que os sujeitos se encontram fragmentados e estressados por um ritmo de trabalho e de existência que só visa a produtividade e o consumo, deformando a ideia de qualidade de vida e de bem-estar individual e coletivo. O interesse por esse ângulo de análise é coerente com o entendimento de que estudar poesia não é se restringir a abordagens radicalmente textualistas que consideram o poema um objeto fechado e autônomo, autorreferencial e autossuficiente, mas sim uma textualidade também em movimento, que se abre ao fora de si, linguagem co-movida pelo mundo e movente de nossa percepção em relação aos outros. Palavra e mundo em ritmo dialógico permanente, provocando a necessidade de nomear os afetos (ou afetar o outro) no espaço da pólis, logo uma *po-ética*.

Para entender isso em contexto português, não penso na obra de um determinado poeta, mas em diferentes obras poéticas que refletem agudamente a condição urbana atual e indicam linhas de abordagem sobre o lirismo do presente e seus pontos fundamentais: a subjetividade, a comunicabilidade e as experiências do cotidiano. O importante, portanto, é o diálogo que essas escritas poderão permitir expondo questões similares próprias a seu tempo e ao seu universo cultural. Ao examinarmos essa produção, podemos constatar que também reagem ao movimento de excesso, de indiferença e de desatenção, exigindo o *pensamento-paisagem* como defende Collot (2011), a re-habitação de espaços humanos, a afirmação de geografias subjetivas numa ecologia existencial, interior, capaz de renovar nossa relação com o mundo, “l’invention d’une nouvelle forme de rationalité”.

A visualidade extrema presente nessas poéticas torna mais intensa a fricção entre espaço e tempo, interioridade e exterioridade, vivência coletiva e memórias do sujeito. Apontam ainda uma incômoda ausência da paisagem natural, a sua redução ao insignificante, ao fragmento, ao detalhe, ou ao simulacro, num mundo fortemente degradado e, agora, também, cada vez mais virtual. A escrita lírica torna-se, ainda mais em contexto europeu, uma anti-pastoral inevitável.

Ainda que cada poeta desenvolva uma linha de apreensão do mundo, observamos uma atenção mais acentuada sobre subjetividades que se figuram nas experiências de mobilidade, errância, travessia, espécies de nomadismo urbano. A paisagem, vista em movimento, se estabelece como lugar de provocação do pensamento crítico com o qual o poeta se defronta e para o qual leva o leitor atento. Nessas poéticas, a geografia é o entrecruzar de ruas ou estradas ou ir em busca de cidades que se vão mostrando também lugares sem memória e sem resistência à massificação cultural que parece atingir todos os espaços da terra urbanizados. Gosto sempre de citar uma passagem do estudo da geógrafa Ana Fani Carlos sobre a vivência do espaço na metrópole de São Paulo, no qual afirma que o **estranhamento** e o **desencontro** são as consequências imediatas da experiência de um espaço radicalmente transformado frente a um tempo vivenciado na velocidade e no efêmero (CARLOS, 2001, p. 328-329).

Esses dois conceitos enunciados pela referida pesquisadora são produtivos para pensar como, em mão dupla, as subjetividades contemporâneas configuram suas percepções paisagísticas e como tais percepções moldam gestos e emoções. Essas experiências de desencontro e de estranhamento estão significativamente presentes em obras poéticas em que podemos encontrar de forma evidenciada graus diversos de mal-estar existencial do sujeito lírico. Que experiência geográfica há para se escrever agora? Sem *locus amoenus*, sem Áticas, sem Novos Mundos, resta dizer a nossa vivência em espaços limitados e controlados e nossa epopeia particular é percorrer ruas com seus sinais, habitar em prédios, penetrar em cafês, shoppings, supermercados, perder-se em não-lugares conforme (Augé, 2004 e 2010) como aeroportos, estações de trem, de metrô, sentido um momentâneo alívio ao pisar em jardins públicos e artificiais. Essa poesia revela, com ironia e desilusão, diferentes percursos *da emoção*, do conformismo diário à amargura insolúvel. Marca, no Portugal do século XX, uma outra apreensão do espaço e externam a condição de transeunte, andante, do poeta (na cidade do Porto, chama-se *andante* o cartão de transporte público), por não haver mais onde se deter e permanecer. Joaquim Manuel Magalhães, um desses poetas, e também um dos mais agudos críticos da cultura massificadora, é autor de um poema que, exemplarmente, aborda a perda de uma geografia afetiva (modos de fazer e de pensar ligados a uma realidade rural) e o peso de uma vida urbana:

*Um mundo silencioso onde passam rebanhos,
húmidas teias raiadas de poeiras.
Os trabalhos que remexem as terras,
as marcas de produtos suicidas
parecem-te um delírio meu, um recuo*

*à tradição bucólica interrompida pelo sentimento?
Nas aldeias do norte se te visse seria
num pátio com o ocre das charruas,
talos de couves para porcos e galinhas,
palhas de colchões onde se deitam burros,
canas de milho empilhadas numa fraga.
Nesta luz urbana, coitados de nós dois.
(MAGALHÃES, 1981, p. 62).*

Devemos lembrar que Portugal, país de tradição agrária, viu-se em rápida transformação a partir da abertura, em todos os níveis, pós-revolução de 74. A partir daí não só se instituiu uma

corrida social para recuperar o tempo perdido com o Salazarismo, como também houve modificações profundas nos modos de relacionamento comunitário, como intensa mobilidade por motivos econômicos e sociais (é o caso de lembrar, por exemplo, dos chamados “retornados” de África). Isso, em termos de repertório simbólico, significou a perda de lugares de memória, o não reconhecimento espacial, a corrida para integrar a Comunidade Europeia com a necessidade dominante de efetivar processos técnicos e tecnológicos na realidade diária, alterando-se rotinas pessoais, relações cotidianas.

Por isso a importância crítica de um poeta como o já referido Magalhães, autor de poemas instigantes para essa perspectiva, e voz com a qual alguns poetas mais jovens dialogam⁶ diretamente. Suas páginas críticas, publicadas nos anos 80 e 90, bem refletiram sobre a rarefação mental e cultural no espaço português. Em um dos seus mais citados livros de ensaios críticos – *Os dois crepúsculos* (Magalhães, 1981) –, o crítico manifesta-se não só sobre a poesia de alguns de seus contemporâneos como também sobre a sociedade de que é participante. Entre as crônicas sobre isso, destaco uma intitulada “Sobre praias“, em que o autor ataca veementemente o comportamento consumista e massificado de uma população que transforma a paisagem litorânea num cenário sem ordem, sem educação e sem respeito humano e ecológico. Essa população embrutecida produz sem limites lixo e é insensível à sua degradação vivencial.

O que estou é a dar voz ao pavor, talvez pessoal, sem dúvida aumentado pela mediocridade das situações, de nelas assistir à massificação dos desejos. [...] É isto a sociedade de massas: promover que todos queiram a mesma coisa, até ao ponto de todos exigirem de si que queiram a mesma coisa que todos. Quer se planifique o desejo, quer se faça dele mais-valia, vai tudo dar ao mesmo montão de gente que, neste caso, está à beira-mar (MAGALHÃES, 1981, p. 313 - 315).

Note-se o olhar do sujeito sobre o espaço aviltado em que se encontra e o seu mal-estar frente a um pensamento que rejeita e que despreza tudo que não compactue com essa *massificação de desejos*. O espaço à sua volta está desfigurado e disforme. Frente a esse quadro social e ético, o que pode fazer a arte, especialmente a poesia, sempre tão resistente ao enfraquecimento dos sentidos, senão fortalecer-se ainda mais como canto de oposição à força brutal do consumismo, à banalidade idiotizante, à indiferença dos dias vividos sem consciência crítica, sem princípio humanizador. Faz-se em movimento exatamente contra a imobilidade, a passividade e a inércia de uma sociedade e de sua mentalidade. Ou exige do leitor a capacidade de ler de-vagar para romper um modo acelerado de vivenciar o mundo, que leva à indiferença diária ou à sua banalização extrema.

Essas vozes pós-74, dizem, em tons diferentes, com maior força e continuidade as experiências de estranhamento e desencontro na malha urbana, do afastamento praticamente irremediável de existências mais lentas e mais humanas. Penso que seus trabalhos unem três palavras-chave na cultura poética portuguesa – o **desconcerto** camoniano, o **desassossego** pessoano e a **dessatisfação** invocada por Magalhães (1981, p. 368). Lendo esses poetas em diálogo, *verso com verso*, como diz Jorge da Silveira, pode-se tecer uma rede de sentidos para compreender o lirismo hoje, seu lugar incômodo e sua fala inquieta. Tudo isso mais se adensa se pensarmos o momento atual atra-

⁶ Manuel de Freitas, um desses poetas mais recentes, escreve em prefácio à antologia de jovens poetas portugueses intitulada *Poetas sem qualidades*: “[...] se quisermos a cicatriz pungente de um tempo que é o nosso e das cidades e perfídias que nos matam, é à poesia de Joaquim Manuel Magalhães que teremos que recorrer. Não como um bálsamo ou enquanto filosofia de salão: antes como uma ferida que sentimos próxima” (FREITAS, 2002, p. 13).

vessado pela sociedade portuguesa, em desestabilização econômica e política, perplexa com a falta de rumo e de saídas. Se a realidade de Lisboa e do Porto, as duas maiores cidades portuguesas, está longe de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, onde a violência se manifesta de forma mais evidente com efeitos realmente criminosos, na realidade urbana portuguesa, o sentimento dum ocidental é de outra fonte: interna e emocional, inscreve-se no corpo do poema como sensação de precariedade, de atravessamento físico pela velocidade de tudo, pelo afastamento cada vez maior dos espaços de afeto e de uma memória ligada a pequenos territórios de emoção (a infância, a família, os amigos, as experiências de uma história pessoal e coletiva). Frente a tudo isso, a poesia poderá atuar como a frenagem necessária, defender o direito de *existir de-vagar*; ser uma palavra resistente, um movimento ao contrário, para evitar, na aceleração violenta do mundo contemporâneo, o que Paul Virilio nomeou de *esthétique de la disparition*.

UM POETA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA: LUÍS QUINTAIS

Começamos este texto com o povo da floresta, capaz de ouvir, mesmo longe, o ruído das máquinas de desmatamento, em reação ao qual dizem em sua língua que “Os madeireiros estão matando as árvores. Vão matar os Awá. Eu vou enfrentar os madeireiros. Eu tenho coragem”. Transcrevo agora um poema de um desses poetas portugueses, Luís Quintais. Talvez se possa demonstrar, apenas com a palavra poética, como essas duas paisagens demarcadoras de nossa cultura ocidental: a floresta / a cidade unem-se no pensamento crítico sobre a habitação contemporânea do mundo.

Poema XXVIII

Ligar o mundo por um istmo,
um canal de sangue e virtude.

Ligar o mundo pela fronteira incendiada,
destruída até ao raso chão.

Escutar. Rente ao chão depositar o rosto,
depois seguir caminho, como quem do chão

pede um segredo, uma verdade
num corpo e numa alma, como nos disse o vidente.

Assim deposito o rosto nesse chão
e escuto atentamente a anónima violência,

o metálico som da cidade.⁷

⁷ Poema retirado de *Riscava a palavra dor no quadro negro* (QUINTAIS, 2010, p. 41). Na capa do livro, a palavra dor vem riscada.

Em 1995, Luís Quintais⁸ publicou seu primeiro livro, *A imprecisa melancolia*, em edição bilíngue português-espanhol, graças ao “III Prêmio Aula de Poesia de Barcelona”. Começava naquele ano a trajetória de uma obra que, hoje, quase vinte anos depois, podemos considerar uma das mais fortes da poesia portuguesa recente. Desde então, somaram-se títulos: *Umbria e Lamento* (ambos de 1999), *Verso Antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto Onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008) e *Riscava a palavra dor no quadro negro* (2010), alguns premiados, confirmando sua grande qualidade lírica. Mais recentemente, publicou *Depois da música* (2013) e *Vidro* (2014). Para além do trabalho docente na área de antropologia, publica regularmente, como ensaísta e crítico, na importante revista portuguesa de poesia, *Relâmpago*.

O sujeito lírico que transita nos seus poemas desvela a melancolia presente nas diferentes experiências cotidianas de um mundo frágil e incerto, na vivência de coisas efêmeras, que se reflete numa escrita de observações breves, de olhares rápidos, de sensações múltiplas a formular a irremediável solidão de cada um. Manifesta-se contínua atenção à vivência temporal e à finitude humana e das coisas, demarcando criticamente a *tensão* de nossa condição urbana, na relação intensificada entre corpo e máquina.

A cidade, realidade antropológica determinante, é um espaço muito presente em seus livros e é percorrida, vasculhada, fragmentada por um olhar lírico que a absorve intensa e intimamente. Da cidade à natureza que resta, das ruas aos jardins, configuram-se paisagens diversas sempre em mutação a partir de subjetividade emocional/pensante do mundo, consciente de que é na linguagem que a paisagem surge. São recorrentes em diversos poemas a nomeação dispersa de elementos da natureza (árvores, flores, frutos, floresta, mar, rios, pedras, águas, vento, céu, aves e outros animais) a figurar espaços e vivências perdidos no tempo, com retorno apenas na memória do poema a partir da ordenação do precário e do mutável. Dessa forma, pode-se dizer que sua poética se faz de muitas camadas, paisagens exteriores que se cruzam com paisagens da memória, da imaginação, da escrita, demarcando uma apreensão do real instável, de forte fluidez e errância, uma “líquida paisagem” que talvez seja, como metáfora, a imagem mais representativa dessa obra poética.⁹ Mas há também em sua poesia os jardins, esses espaços artificiais de natureza, planeados e ordenados como refúgios de beleza e de harmonia que o mundo, para fora desses limites, não pode proporcionar. Da natureza instável aos jardins citadinos ou domésticos, traça-se uma escrita fortemente crítica e interrogativa da relação do homem com o mundo contemporâneo, sabendo o poeta que não há mais pertença a um lugar a não ser como ficção transitória.

Essa experiência de precariedade atravessa toda a sua obra, seja formalmente, quando dominam os poemas curtos e os versos breves, com imagens sempre em metamorfose, seja pelo conteúdo reflexivo que se detém sobre os seres mais frágeis. Mas é sobretudo o poema um estado precário, feito de memórias perdidas, de tempos passados, de olhares do presente móveis e inconsistentes, de fragmentos, restos diluídos na linguagem. São “arquivos” que nada guardam, que se

⁸ Nasceu em Angola, em 1968, mas, após 1975, passou a viver em Lisboa, onde fez todos os seus estudos. Atualmente é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, onde coordena diversas atividades da área, com pesquisa sobre as relações entre arte, ciência e cognição. Coordena ainda o grupo de discussão e de experimentação intitulado Multiplanos (acessível em <http://milplanaltos.wordpress.com/>). Aproveito, neste artigo, algumas considerações sobre sua obra publicadas em prefácio a uma antologia de sua poesia, pela editora carioca, Oficina Raquel, 2008. Como é edição esgotada, penso que vale resgatar algumas dessas ideias.

⁹ Leia-se, por exemplo, o poema “Canção”, em (*Umbria*, 1999, p. 13): “Tão contrária ao resto / a pequena canção / que embala a morte. // Tão contrária ao dia / a estreita linha / que nos separa da alegria. // Tão cheia de vozes / que se anulam, / esta morada, // esta chegada // ao termo da viagem, // esta partida // para a noite-margem. / Tão fina esta lâmina / que fundo fere // a água, a líquida paisagem. / Tão esquecida / esta face, este rio, // a corrente que nos empurra / a treva / que nos impele.”

fecham e se abrem numa busca de algo impreciso e indizível; a escrita fugidia como a água: “Em busca de uma outra síntese entre a noite e a manhã: / o primeiro verso, a água que escorre a contraluz / do primeiro verso. // Dar o mundo como adquirido, depois rejeitá-lo. / Maneiras de dizer o novo e encontrar escolhos / em todos os sítios onde a música irrompe. // Descrever uma situação e ser condenado pela memória. / Tudo começa na inutilidade dos fragmentos / descritos um a um, ou nas suas invisíveis conexões: // [...] cada palavra que se repete por uma voz que se desconhece, / a voz das palavras no tempo de cada início” (QUINTAIS, 1999, p. 54).

Poética extremamente visual, como a crítica aponta com insistência, temos um sujeito poético que aparentemente busca fora de si, no mundo *olhado*, contingente, uma direção, sentidos, uma possibilidade de segurança, mesmo sabendo que tudo é débil e em mudança. Institui-se, dessa forma, uma poética crítica da própria subjetividade e da linguagem, questionando a representação de mundos, a realidade como impossibilidade. O olhar erra como erra a escrita, embora ainda seja o poema um *espaço*, uma outra natureza partilhada. A poesia, assim, é um desvio de olhar, uma confrontação permanente dessa insuportabilidade, criando meios e formas de ultrapassar o excessivamente visível para atingir outras paisagens subterrâneas, subcutâneas (diríamos...), por detrás dos olhos.

Luís Quintais dialoga, de fato, com uma tendência que se evidencia em muita poesia portuguesa contemporânea: a melancolia como resultado inevitável de uma subjetividade urbana sem ilusões ou idealismos, que se vai constituindo de resíduos, de pequenas e triviais emoções diárias em nosso presente de rasuras, tão cheio da excessiva presença *espetacular* de tudo e, por isso mesmo, tão vazio, tão massificante e indiferente. Um título seu – *Angst* – é fortemente revelador dessa perspectiva. Palavra alemã que significa temor, desespero, angústia (fr. *angoisse*), em filosofia é termo ligado a “temor resultante sobretudo da indiferença, da falta de objetivos ou de sentido no universo” (BLACKBURN, 1997, p. 15). E, nesse livro, registra-se a barbárie emblemática do início do século XXI no poema intitulado apenas com uma data, “11 de setembro de 2001”: “Virá o dia / em que também nós / da torre de vidro / para o vazio saltaremos. / Em desamparada queda / estamos já. / Entre o salto / e a derradeira palavra, / lembrar-nos-emos / de uma nuvem ou de um madrigal. / De que nos serve / o brilho ínsito / em rápidos vidros / durante a queda? // Turvamos águas. / Nada mais” (QUINTAIS, 2002, p. 62).

E falando de realidade, falamos também da “paixão descritiva” que move essa mão poética, buscando, no entanto, o “lastro da imaginação”. Descrição é o procedimento mais comum adotado pelo poeta para a construção de suas imagens, mas essa descrição é sempre um colocar em tensão, um “duelo” entre o que se vê e o que se escreve. O sujeito lírico se declara um observador ou contemplador, mirando nas coisas ao seu redor o distante e o longínquo, um horizonte possível no fundo da cena urbana, “a interrogar, de novo, a invisibilidade / das coisas que se iluminam por dentro”.¹⁰ Seus versos não são sarcásticos ou pessimistas como os de alguns de seus contemporâneos, nem ingênuos ou deslocados frente ao seu tempo, mas versos lúcidos que se efetivam como reversos de emoções partilhadas e de gestos solitários, a dizer como a poesia é um ofício de inquietude e atrito, uma necessidade interrogativa, um discurso que escoar lento, frente ao mundo acelerado que nos cabe habitar.

[...]

Vejo, escuto, o ar

desenha-me os ombros, contorna-me o rosto.

¹⁰ Versos de “Tema antigo”, em (QUINTAIS, 1999, p. 22).

Vejo, escuto, o sangue
despede-se aluindo nas artérias.

Respiro este sudário ou é ele que me respira?

Esperar, anotar, voltar ao princípio,
ao inacabado. -
Eis a restante vigília.....

(QUINTAIS, 2004, p. 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. (Org.). *Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural*. Brasil, França, Portugal. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, 442 p.
- ALVES, Ida; MAFFEI, Luis. *Poetas que interessam mais estudos de poesia portuguesa*. Rio de Janeiro: Azougue, 2011, 400 p.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2004.
- _____. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL / UNESP, 2010.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Paisagem, tempo e cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço - tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.
- COLLOT, Michel. *La poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris: PUF, 1989.
- _____. La notion de paysage dans la critique thématique. In: _____. (dir.). *Les enjeux du paysage*. Bruxelles: Ousia, 1997.
- _____. *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005.
- _____. *La pensée-paysage*. S.l: Actes Sud / ENSP, 2011.
- _____. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- _____. *Pour une géographie littéraire*. Paris: Corti, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FREITAS, M. (Org.). *Poetas sem qualidades*. Lisboa, Averno, 2002. 123p.
- LEITÃO, Miriam. Paraíso Sitiado – A luta dos índios invisíveis. Fotos de Sebastião Salgado. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 4 ago. 2013, Caderno País, p. 12-15.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Vendaval, 2003.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os Dias, Pequenos Charcos*. Lisboa: Presença, 1981. 115 p.

_____. *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981. 372 p.

PEDROSA, Maria Celia; ALVES, Ida; JÚDICE, Nuno. (Org.). *Crítica de poesia: tendências e questões Brasil – Portugal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. 220 p.

QUINTAIS, Luis. *Umbria*. Lisboa: Cotovia, 1999.

_____. *Angst*. Lisboa: Cotovia, 2002.

_____. *Duelo*. Lisboa: Cotovia, 2004.

_____. *Riscava a palavra dor no quadro negro*. Lisboa: Cotovia, 2010.

_____. *Poemas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008. (Coleção Portugal 0).

RANCIÈRE, Jacques. *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique, 2000.

ROSA, Hartmut. *Accélération une critique sociale du temps*. Paris: La Découverte, 2012.

SILVEIRA, Jorge Fernandes. *Verso com verso*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Unicamp, 2010.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Máquina de visão*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. *Esthétique de la disparition*. Paris: Librairie Garnier Flammarion, 1994.

_____. *Le grand accélérateur*. Paris: Galilée, 2010.